

TRABALHOS TRANSFRONTEIRIÇOS: OS LIMITES E AS SOBREVIVÊNCIAS

Cross-Border Works: the limits and the survivals

Luiz Felipe Rodrigues¹
Dalila Tavares Garcia²

Recebido em: outubro de 2017

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

Resumo

Este estudo tem como propósito discutir as práticas de trabalhadores transfronteiriços considerando as variadas interações e relações socioespaciais acionadas a partir de suas atividades. A fronteira, nesse contexto, é considerada como um espaço de possibilidades, onde o limite internacional ao produzir diferenças e contatos de todo tipo, cria convergências e complementaridades que são usadas como estratégias e oportunidades de trabalho e sobrevivência por habitantes das cidades fronteiriças.

Palavras-chave: *Fronteira; Trabalho; Relações socioespaciais.*

Abstract

This study aims to discuss the practices of cross-border workers, considering the various interactions and socio-spatial relations triggered by their activities. The border, in this context, is considered a space of possibilities, where the international limit when producing contacts of all kinds, creates convergences and complementarities that are used as strategies and opportunities for work and survival by border-cities dwellers.

Key-words: *Border; Work; Socio-spatial relations.*

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é construir uma reflexão a partir do diálogo entre nossos trabalhos de conclusão de curso de graduação onde realizamos estudos acerca de trabalhadores em situação de fronteira. Um deles, com o título de “Olha o alho! A cidade de fronteira nos passos do sujeito” analisa o processo de transfronteirização da rede urbana da Tríplice Fronteira a partir das trajetórias e estratégias de vendedoras e vendedores ambulantes de nacionalidade paraguaia (RODRIGUES, 2016). O outro, titulado “*Almacenes* paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade”, discute as relações de vizinhança e de trabalho que se desenrolam a partir de estratégias utilizadas por donas e donos de *almacenes* (pequenas mercearias familiares) de *Ciudad del Este* (Paraguai) ao realizarem suas atividades comerciais na fronteira (GARCIA, 2016).

O recorte socioespacial desta pesquisa compreende a região da Tríplice Fronteira, que aqui entendemos composta pelos municípios de *Ciudad del Este* (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil), *Puerto Iguazú* (Argentina), e demais municípios limítimos que mantêm relações interdependentes com as três primeiras cidades citadas. A população aproximada desse conjunto de cidades é de 1,3 milhão de habitantes (RODRIGUES, 2016, p. 45). Juntas, formam uma região transfronteiriça. Com base em Carneiro (2016) que retoma Reitel (2006) e Rolim (2004), consideramos região transfronteiriça um espaço que compreende áreas contíguas sobre os limites internacionais de dois ou mais Estados onde se constitui um espaço econômico interdependente onde circulam pessoas e capitais e se desenvolve uma cultura comum ao mesmo tempo em que as diferenças se aguçam, o que torna coexistentes fatores de integração e desintegração.

Na perspectiva da situação transfronteiriça, pretendemos trazer à discussão a realidade de alguns trabalhadores que desenvolvem suas atividades na e pela fronteira: as/os vendedoras/es ambulantes e as/os proprietárias/os de *almacenes* no Paraguai. Muitas vezes, em meio à informalidade e vulnerabilidade perante o Estado, é nas possibilidades que a fronteira proporciona que esses trabalhadores criam estratégias para sua sobrevivência e de suas famílias. Essas estratégias que passam de uma geração à outra, de fofoca a fofoca, constroem e são construídas por relações de vizinhança e de sociabilidade que envolvem interações socioespaciais nas mais variadas manifestações: comerciais, afetivas, políticas, e culturais. Assim, o trabalho não aparece somente como meio de sustento, pois é permeado de conteúdos simbólico-culturais, de memórias e trajetórias familiares que constituem elementos importantes na construção identitária e social dos sujeitos.

Usos e abusos da fronteira

A fronteira é aqui entendida como uma zona de contato onde há situações interativas que envolvem concorrências e complementaridades (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 206). Nesse sentido, é necessário destacar, de acordo com Moura (2000, p. 86-87), que as regiões e aglomerações urbanas transfronteiriças também são marcadas por tensões históricas e pela desigualdade. Carneiro (2016, p. 18) salienta que nas cidades transfronteiriças, as interações sofrem efeitos de mudanças cambiais, de ações de caráter supranacional e de crises e crescimentos dos diferentes países em que estão inseridas ou em contato, e reportando-se à Adiala (2006), coloca que esses efeitos trazem implicações aos diferentes fluxos transfronteiriços oriundos das práticas e estratégias cotidianas que se desenrolam pela existência do limite internacional.

O movimento de pessoas entre as cidades fronteiriças é um desses fluxos que se desencadeiam nas interações transfronteiriças. Essas mobilidades são dadas por motivos e interesses variados que envolvem usos relacionados à saúde, educação, lazer, comércio, trabalho, contrabando, etc. Carneiro (2016, p. 160) aponta um exemplo de mobilidade por serviços de saúde, onde brasiguaios e paraguaios residentes nos municípios paraguaios próximos à fronteira com o Brasil buscam atendimento nesse país em decorrência da precariedade desses serviços no país vizinho. Moura (2000, p. 87-88) cita casos que podemos usar como exemplos de mobilidade por motivos comerciais: os “sacoleiros” oriundos de diversas regiões do Brasil em busca de produtos mais baratos e os cidadãos locais que usufruem das diferenças cambiais para seu abastecimento próprio. Vázquez ao analisar as atividades econômicas em cidades paraguaias de fronteira, diz que elas possuem um forte componente transfronteiriço, principalmente nas áreas urbanas (VÁZQUEZ, 2007, p. 75).

O limite é um dado da estratégia cotidiana dos residentes das margens, ao menos quando é permitido atravessá-lo para o outro lado quer por um emprego mais bem remunerado, que como nas estratégias de acesso a produtos com menos taxas do outro lado ou residências menos custosas (FOUCHER, 2009, p. 26).

Dentre essas mobilidades e usos, os que mais nos interessam aqui são os relacionados ao trabalho, sobretudo das populações mais vulneráveis. Assim como todas as mobilidades humanas, as mobilidades de trabalho carregam consigo símbolos, capitais e informação (LINDÓN, 2007, p. 73). As diferenças de câmbios monetários, de salário, de sistemas jurídicos, e até mesmo de culturas, são usadas como estratégias para trabalhar e sobreviver na fronteira. Essas estratégias se produzem a partir de redes sociais complexas que envolvem trocas variadas, solidariedades, subornos, conflitos e violência. As leis e demais condições sociais diferenciadas entre os dois lados possibilita a contratação de mão-de-obra estrangeira sem registro, que é mais barata e não possibilita que o trabalhador reclame algum direito (RODRIGUES, 2016, p. 70). Nessa situação, trabalhadores que vivem em um país, atravessam para o outro diariamente, tornando-se transmigrantes pendulares, pois suas migrações são diárias e de curta-duração (CARNEIRO, 2016). Nesses fluxos diários, de acordo com Viladesau (2011, p. 868) estão trabalhadores de ramos variados: empregadas domésticas, trabalhadores da construção civil, vendedores ambulantes, carregadores, empresários com negócios dos dois lados da fronteira, entre outros. O autor os denomina como trabalhadores “binacionais” ou “transfronteiriços” (VILADESAU, 2011).

Mencionando House (1980), Steiman e Machado (2002, p. 11) colocam que as complementaridades e/ou diferenças entre os dois países na linha de fronteira pode sustentar uma divisão transfronteiriça do trabalho. De acordo com as autoras:

Um dos fatores que apresenta efeitos mais concentrados nas comunidades fronteiriças de ambos os lados de uma zona de fronteira é o trabalho. As oportunidades que oferece um Estado mais desenvolvido, sobretudo para a realização de tarefas pesadas descartadas pelos profissionais qualificados desse mesmo Estado, acarretam ao longo do tempo grande fluxo de trabalhadores do lado pobre para o lado mais rico do limite internacional. Esse fluxo pode ser constituído por trabalhadores diaristas ou sazonais, desqualificados ou semiquilificados, atraídos pelas oportunidades de trabalho e pelos possíveis pagamentos de assistência social no outro lado, mas, pelos mesmos motivos pode incluir também a saída dos mais qualificados do Estado menos desenvolvido. Se esse afluxo de trabalhadores reduz as pressões demográficas e o desemprego no Estado menos desenvolvido, pode também se converter em potencial para grave exploração de trabalhadores ilegais na região de fronteira do mais desenvolvido. (STEIMAN e MACHADO, 2002, p. 12).

Nesse sentido, a fronteira além de possibilitar usos diversos, também abre portas para abusos da lei, e, sobretudo, abusos do humano. Para Martins, a fronteira é fronteira de muitas coisas distintas: espacial, civilizacional, cultural, étnica, fronteira de visões de mundo, “da História e da historicidade do homem”, e acima de tudo, fronteira do humano, onde “o outro é degradado para [...] viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora” (MARTINS, 1997, p. 13).

Trabalhadores em Movimento: estratégias, sociabilidade e afetividades

Como havíamos explanado no início do artigo, falaremos dos trabalhadores transfronteiriços a partir do caso de vendedoras e vendedores ambulantes da Tríplice Fronteira e donas e donos de *almacenes* no Paraguai. Essas trabalhadoras e trabalhadores, na maioria dos casos, pertencem às camadas mais pobres da população, e por meio da experiência e criatividade encontram na fronteira alternativas para sobreviver e socializar. A fronteira no cotidiano dessas pessoas em seus movimentos transfronteiriços, se converte em lugar de trabalho, de trajetória e convívio familiar, de encontros, de amizades e prozas, de trocas monetárias, simbólicas e culturais, de memória e de vida. E ao mesmo tempo, entre esses lugares, existe também o preconceito, a intolerância, o suborno, a exploração, a violência e a invisibilidade.

A mobilidade pendular repete intensos fluxos na faixa de fronteira, de modo mais intenso nas aglomerações urbanas transfronteiriças, o que confirma

interações entre os povos. Tais movimentos decorrem fundamentalmente de relações para trabalho e estudo, induzem o consumo, a demanda e o acesso a funções urbanas, bem como implicam trocas culturais, de hábitos e valores. No extremo, sugerem a busca pela realização de direitos que se confundem entre os lados da fronteira, muitas vezes inalcançados, devido a políticas inadequadas (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 217-218).

“Alho madama?” Vendedoras/ES ambulantes na fronteira

‘*Alho madama*’ é um dos anúncios ditos pela vendedora paraguaia Thalía, de 35 anos e mãe de quatro filhos, ao andar pelas ruas de um bairro da cidade brasileira de Foz do Iguaçu para vender alho. Ela foi uma das vendedoras que entrevistei durante a pesquisa de campo para meu trabalho de conclusão de curso. Natural da capital do Paraguai *Asunción*, fazia pouco tempo que ela chegou à *Minga Guazú*, município vizinho à *Ciudad del Este* no Paraguai, em razão do esposo que decidiu se mudar. Sobre a mudança para perto do Brasil, ela contou que aprendeu a comer o feijão do Brasil, pois o feijão de *Asunción* é de outra variedade. Acrescentou ainda que os pastores da igreja evangélica que ela frequenta no Paraguai são brasileiros e que em suas refeições sempre tem feijão. Ela também vende roupa, e relatou que quando encontra uma cliente que é evangélica, a conversa acaba extrapolando o assunto da compra, e acabam conversando de várias coisas.

Quando a entrevistei, fazia dois meses em que ela estava trabalhando como vendedora ambulante, e começou por conta de um convite feito por uma vizinha e amiga que trabalha como ambulante há cinco anos. No percurso do seu trabalho, ela utiliza ônibus para vir do Paraguai ao Brasil. Vende o alho no Brasil porque o brasileiro consome muito alho e ela vende mais barato que os mercados, e salienta também que para ela, ganhar o dinheiro em real é vantajoso, pois no câmbio com a moeda guarani, o real é mais valorizado. Outras/os ambulantes que entrevistei também salientaram o consumo de alho pelos brasileiros, e nesse sentido, o alho parece trazer a lembrança do Brasil para esses trabalhadores paraguaios (RODRIGUES, 2016, p. 87-90).

Dentre as vendedoras e vendedores que entrevistei e observei durante a pesquisa de campo, encontravam-se homens e mulheres, entre eles, idosos e crianças. Em muitos casos, encontrei nas ruas famílias vendendo alho e outras coisas, como frutas, erva para *tereré* e roupas. Uns andam pelas ruas do centro da cidade ou pelos bairros, e outros, se estabelecem nos semáforos ou em mesinhas improvisadas nas calçadas e canteiros das ruas mais movimentadas. Para chegarem a esses lugares, uns vem de ônibus, outros de carro ou de carona, e outros de canoa pelo rio Paraná, e é durante esse percurso, que alguns ambulantes decidem onde cada um irá vender para que não acabem indo vender no mesmo lugar.

De acordo com alguns relatos que coletei, o espaço da rua onde as/os ambulantes trabalham, é o lugar onde almoçam, onde tomam *tereré* com a família que também está

vendendo, ou com alguns clientes que se tornam amigos. A partir dessas relações que se estabelecem, os mais conhecidos podem até comprar fiado. Para se alimentar, uns ambulantes trazem almoço de casa, outros almoçam em estabelecimentos próximos ou trocam alho por marmitta. Quando precisam ir ao banheiro ou beber água, também recorrem aos estabelecimentos comerciais próximos ou nas casas de clientes. Para algum/a ambulante, o lugar em que está vendendo hoje, é o mesmo lugar onde acompanhava quando criança a mãe vendendo, ou o mesmo lugar em que está há anos e plantou uma árvore que atualmente faz sombra em seu ponto de venda (RODRIGUES, 2016).

Figura 1 – Vendedora ambulante paraguaia em Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

O fato de essas trabalhadoras e trabalhadores estarem inseridos no mercado informal faz com que estejam em situação de vulnerabilidade e de incertezas, uma vez que em meio à instabilidade, estão desamparados de uma variedade de direitos sociais. Alguns ambulantes entrevistados relataram que já sofreram repressões policiais que retiraram suas mercadorias, e em um dos casos, foi avisado ao abordado para não aparecer mais no local, e então, este mudou sua rota de venda. Nessa perspectiva, o trabalhador informal “é marginal ao mercado de trabalho e, como tal, é o “outro”, representa o que não existe para o sistema” (SILVA, 2008, p. 218). Ainda, de acordo com a autora, “estar na rua significa também estar em um espaço de todos e de

ninguém, e por isso a pessoa que trabalha na rua está sujeita a suas leis, que podem estar ligadas à marginalidade” (SILVA, 2008, p. 220).

Figura 2 – Família vendendo alho e frutas em uma Avenida de Foz do Iguaçu



Fonte: Rodrigues, 2016

Almacenes Paraguaiois: travessiais e mercadorias

Os *almacenes* são pequenos comércios típicos do Paraguai. Parecidos com “mercearias”, são constituídos como objeto comercial que contribui significativamente na reprodução socioespacial dos lugares. Manter a palavra ‘*almacén*’ em espanhol é para mostrar que a mesma não é apenas uma tradução de mercearia, que são pequenos comércios brasileiros. Os *almacenes* possuem algumas diferenças, são extensões das casas, e em sua maioria as donas são mulheres. Por serem extensões da casa, essas mulheres conseguem atender os clientes e fazerem suas tarefas cotidianas como donas de casa ou cuidarem dos filhos ao mesmo tempo. Uma diferença notável é que não encontrei em nenhum deles bebidas alcoólicas à venda. A presença de grades na frente do *almacén* e o fato de as pessoas não poderem entrar no comércio é outra peculiaridade. O cliente não tem acesso direto ao produto, é necessário que peça o que deseja comprar para a comerciante (GARCIA, 2016).

Mesmo sendo pequenos comércios, tem grande papel na economia dos bairros onde estão inseridos. São fonte de renda de muitas famílias que não encontraram alternativas, ou seja, sua relevância é inegável. Durante a pesquisa, visitei o bairro *Área 4* em *Ciudad del Este*, localizado

próximo ao município de Presidente Franco. Nesse bairro, pude encontrar vários *almacenes* durante o caminho, e alguns estavam a cem metros de proximidade do outro. No bairro *Área 4*, pude constatar que a instalação de uma filial de uma rede de hipermercados nas proximidades, tem ameaçado a sobrevivência desses pequenos comércios, já que a concorrência de preços aumenta e os pequenos comerciantes não conseguem competir. Em decorrência disso, alguns *almacenes* acabam indo cada vez mais para áreas afastadas nos bairros. As comerciantes entrevistadas nas proximidades do hipermercado, afirmaram que as vendas em seus estabelecimentos caíram muito desde a sua instalação. Ao caminhar pelo bairro foi possível observar vários lugares que antes eram *almacenes* e que estavam fechados, comprovando o que os entrevistados disseram. Alguns comerciantes entrevistados alegaram que os *almacenes* fecharam as portas porque não conseguiam competir com o hipermercado, e o sustento de suas famílias ficou comprometido em muitos casos (GARCIA, 2016).

Juan, dono de um *almacén*, foi um dos prejudicados com a construção do hipermercado. Juan relatou que há o pagamento de ‘*coima*’ (tipo de suborno) de donos dos hipermercados para o poder público para se instalarem nos bairros sem problemas. Outro problema que relatou é em relação aos vendedores ambulantes, que segundo ele, atrapalham suas vendas, já que os mesmos revendem produtos mais baratos e levam os produtos até a casa do freguês, o que também gera comodidade. Em contrapartida Cristina, dona de um *almacén*, contou que era vendedora ambulante e que com os ganhos desse trabalho conseguiu abrir seu próprio *almacén*. A idade foi um dos fatores que definiu essa escolha, já que não conseguia mais caminhar o dia todo pelas ruas da cidade vendendo seus produtos. Cristina também relatou que se mudou para *Ciudad del Este*, porque queria mudar de vida, e que ao chegar trabalhou como empregada doméstica, durante muitos anos. Durante esses anos, morou com uma amiga que veio trabalhar como secretária na Usina de Itaipu, no lado paraguaio. Depois de muito tempo começou a trabalhar como vendedora ambulante, período em que reuniu recursos, e depois conseguiu abrir seu próprio *almacén*. De acordo com ela, os *almacenes* tiveram início junto com a construção de Itaipu, já que antes era tudo mato. Junto com o aumento dos *almacenes*, aumentava também os roubos, o que explica a instalação de grades em todos esses pequenos comércios, que seguem até hoje. A falta de segurança nos bairros deve-se a ausência do poder público (GARCIA, 2016).

Em relação a consumo e sociabilidade entre clientes e comerciantes do bairro *Área 4*, percebe-se que as pessoas que podem adentrar os estabelecimentos são amigas ou parentes dos donos, são ‘pessoas de confiança’. Entender as relações entre os donos de *almacenes* e seus fregueses/vizinhos, é algo muito complexo, muitas vezes, essas relações são vistas como artificiais e anônimas. Os donos e donas moram no mesmo bairro e inclusive o *almacén* é como

uma extensão de sua casa, o que ajuda a estabelecer relações de sociabilidade com seus fregueses/vizinhos e também com outros comerciantes. O fato de todos morarem no mesmo bairro, também contribui para tal aproximação. As relações são antigas. Fato que contribui também para que os mesmos possam adentrar a mercearia, já que somente pessoas de confiança podem fazê-lo. Sendo assim, os *almacenes* podem ser considerados espaços de sociabilidade já que ali são iniciados os contatos comerciais que em muitos casos são transformados em amizades. A amizade tem forte influência no desenvolvimento econômico dos estabelecimentos, já que o vínculo estabelecido gera fidelidade e o cliente começa a frequentar o *almacén* do amigo (GARCIA, 2016).

Figura 3 – Frente de um *almacén* no bairro *Área 4* em *Ciudad del Este* no Paraguai



Fonte: Garcia, 2016

Esses *almacenes* constituem um complexo de relações sociais e econômicas que ocorrem em determinados espaços do bairro, sendo articuladores de relações de vizinhança e oferecem alternativas de compra para os moradores vizinhos, onde é possível, por exemplo, comprar fiado. Esses pequenos comércios lutam pela sua sobrevivência, utilizando a ilegalidade como estratégia, facilitada pela condição fronteiriça em que estão inseridos. Muitos dos produtos que vendem são buscados do outro lado da fronteira, no Brasil e na Argentina, onde podem

encontrar alguns produtos diferentes e mais baratos para revender no Paraguai. Algumas donas ou donos de *almacenes* realizam essas travessias com seus próprios veículos, ou também de ônibus. Algumas dessas comerciantes se reúnem e pagam motoristas de ‘*piruas*’ (vans) para realizarem as travessias e buscarem seus produtos. Algumas dessas mercadorias são proibidas de serem importadas ao Paraguai, e algumas possuem cotas para limitar a quantidade que pode ser trazida, estando sujeitas ao confisco se forem abordadas pelos órgãos de fiscalização que geralmente estão na alfândega paraguaia. Em contrapartida, os sujeitos envolvidos no comércio e nas travessias fronteiriças, em muitos casos, conseguem contornar os limites. Uma das práticas para contorná-los é o pagamento da ‘*coima*’ aos agentes da fiscalização (GARCIA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fluxos transfronteiriços de bens, capitais, e informações que se movimentam na fronteira são acionados por diferentes agentes sociais que os utilizam em suas práticas socioespaciais para a sobrevivência. Entendemos a sobrevivência em um sentido mais amplo, não considerando somente a sobrevivência econômica, mas também nos diversos sentidos sociais, que inclui a memória, as sociabilidades, a cultura, o direito à cidade. Por meio das diferentes atividades laborais em que a fronteira é utilizada como estratégia e recurso, os sujeitos oriundos das camadas mais pobres da população encontram possibilidades de socialização, convívio familiar e de fortalecimento das relações de vizinhança. Pela existência dos limites, os sujeitos criam práticas de sobrevivência, e por meio dessas práticas, se produzem contatos, e são deles, que a fronteira se faz. Esses contatos (interações) ao transcenderem os limites nacionais, reproduzem por meio de diversas trocas o processo de transfronteirização:

Para Ligrone (2006) a transfronteirização pode ser entendida como um conjunto de processos de aproveitamento e valorização de uma fronteira, limite territorial que separa dois sistemas políticos, econômicos e/ou socioculturais. No âmbito desses processos, os habitantes de ambos os lados transcendem a fronteira (imposta ou herdada) e a incorporam em suas estratégias de vida através de múltiplas maneiras (CARNEIRO, 2016, p. 24).

As mobilidades das trabalhadoras e trabalhadores que atravessam os territórios nacionais para realizarem suas práticas também implicam no encontro com o Outro, pois esses sujeitos ao realizarem suas atividades no país que está ao lado, interagem e percebem o Outro, ao mesmo tempo em que também demonstram a sua presença e existência, seja na harmonia ou no conflito. A existência da/o estrangeira/o, da diferença, da alteridade, e assim, da fronteira em movimento.

Os sujeitos são marcados por suas nacionalidades políticas, seja pela língua ou pelo produto que estão vendendo, e nesse processo, também são marcados pela nacionalidade do Outro, e sendo assim, produzidas em um ambiente de transnacionalização. E a partir dessas variadas interações, a fronteira é produzida e reproduzida cotidianamente.

REFERÊNCIA

CARNEIRO, Camilo Pereira. **Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata**. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. In:_____. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, p. 9-27, 2009.

GARCIA, Dalila Tavares. **Almacenes paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016.

LINDÓN, Alicia. Espacialidades, desplazamientos y transnacionalismo. **Papeles de población**, v. 13, n. 53, p. 71-101, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOURA, Rosa. Fronteiras Invisíveis: o território e seus limites. **Revista Território**, LAGET/UFRJ, a V, n. 9, p. 85-101, 2000.

MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano – Renato Balbim; Cleandro Krause; Clarisse Cunha Linke (Org.)**. Brasília: IPEA: ITDP, p. 205-222, 2016.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito**. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016.

SILVA, Susana Maria Veeda da. O comércio de rua: lugar de trabalho e de relações familiares. **A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço** / organização de Álvaro Luiz Heidrich [et al.]. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editorada UFRGS, p. 215-224, 2008.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. **Terra Limitanea: Atlas da Fronteira Continental do Brasil**. Rio de Janeiro: Grupo RETIS/CNPq/UFRJ, 2002.

VÁZQUEZ, Fabricio. Estructura territorial de la Franja Este. **Congreso Paraguayo de Población, 2 – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1**. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, p.73-82, 2007.

VILADESAU, Tomás Paulau. Modificación de patrones migratorios y movilidad transfronteriza en el Paraguay. **Pasado y presente de la realidad social paraguaya: volumen VI - población, urbanización y migraciones.** (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, p. 861-882, 2011.

¹ Graduado em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: luiz.felipe.r@outlook.com

² Graduada em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: dalila.tavares@hotmail.com